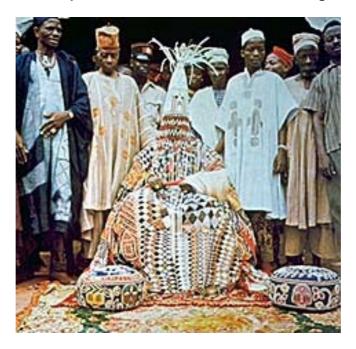
A fogueira de Xangô ... o orixá do fogo

Fragmentos de Textos extraído do livro de José Flávio Pessoa de Barros Festa de Xangô no terreiro de **Obaladô** no Rio de Janeiro

Após executada a 1º parte do cerimonial de abertura, segue a continuação...



A CASA EM FESTA - OS SÚDITOS

O sol se põe, e começa a escurecer na casa de **Obaladô**. A casa de **Xangô**, especialmente iluminada neste dia, aguardava o início da festa. As árvores do terreiro foram plantadas por Obaladô a mais de 21 anos, quando recebera de Xangô, seu orixá, a ordem de abrir uma casa – de – santo.

Lenta e calmamente, interrompe suas divagações, dirigindo-se para frente da casa - de - **Airá** sentando-se em um pequeno banco. A poucos metros erguia-se majestosamente a fogueira, armada be cedo e já contendo os axés próprios do orixá do fogo.

A um aceno seu , uma filha de **Oiá** traz o seu **Adjarim**. **Obaladô** , com delicadeza, apanha a sineta que, ao ser vibrada, anuncia o início de uma reza.

As esteiras são estendidas e sobre elas os iniciados se ajoelham, busto curvado, pousando a cabeça no chão, em direção a Obaladô. Sua voz faz-se ouvir, então, salmodiando cada verso como um lamento, um canto em solo é ouvido e que se repetirá por três vezes. È um lento responsório, em que o oficiante canta primeiro, acompanhado em um segundo momento, pelos presentes.

Oba kawòó o
Oba kawòó o
O, o, Kabíyèsílè
Oba ni kólé
Oba séré
Oba njéje
Se´re aládó
Bongbose O (wo) bitiko
Osé Kawòó
O, o, Kábíyèsilé

Ó Rei, meus cumprimentos. Ó Rei, meus cumprimentos. Sua majestade, o Rei mandou construir uma casa.

O Rei do xere, o Rei prometeu e traz boa sorte, o dono do pilão.

Bamboxé abidikô, meus cumprimentos (ao) Oxé, sua majestade. Meus cumprimentos.

O som do **Adjarim** marca o início do paó, palmas compassadas que a anunciam uma nova reza para o orixá do fogo...... o cântico continua:

Ó níìka, ó Níìka Áwè jè atètú Badé, badé ìyá Tèmi Ele é cruel, ele é cruel(o trovão). Eu jejuo para o punidor. Badé, badé, meu espírito sofre Ó níìka, ó níìka árá ìn álàde o Ó níìka àwe jé atètu Aira ma sá re awo, ariwo, ale odó Ma sè Aira ma sá re awo, ariwo, ale odó Ma sè Yèyé, kèrè-kèrè lo ni joko ayagba Ale odó ma sè

Ele é cruel, o trovão é cruel sim. O dono da coroa é cruel. Ele é cruel, ele é cruel(o trovão) Eu jejuo para o punidor. Airá(o trovão), verdadeiramente voa e cai ruidosamente. Forte como um pilão, como um tambor (barulho). Airá(o trovão), verdadeiramente voa e cai ruidosamente. Forte como um pilão, como um tambor (barulho). O pássaro vagarosamente senta e chora para as grandes mães. Forte como um pilão, como um tambor (barulho).

A reza diz que o trovão é cruel, implorando a **Badé...** "ele é a voz estrepitosa e aterrorizante do Trovão, é a força que deflagra a carga irregular dos raios". Os nagôs dizem ser **Badé** é um **vodum**, isto é, de origem **jêje**, e que os **jêjes** do maranhão, dizem que é um orixá nagô e que, quando ele se apresenta na **Casa – das – Minas**, fala por sinais para não revelar os segredos dos nagôs.

Os pássaros lembram as feiticeiras que ameaçam os seres humanos, é necessário implorar as grandes mães senhora dos pássaros, para que não flagelem os homens.

Airá também é mencionado no texto sagrado, recolhido entre os que se originam do axé de lÁ Nasô. Este orixá ocupa um lugar especial nesta comunidade, estando ligado a primeira no nominação...Axé Airá Intilé.

Novamente o Adjarim anuncia que o Rei Xangô continuará sendo louvado, e uma nova reza começa:

Oba ìrú l'òkò Oba ìrú l'òkò Ìyámasse kò wà Ìrà oje Aganju ko má nje lekan Árá l'okò láàyá Tóbi òrìsà, Oba só òrun Árá oba oje

O Rei lançou uma pedra. O Rei lançou uma pedra. Iyámasse cavou ao pé de uma grande árvore e encontrou.

Aganju vai brilhar, então , mais uma vez como trovão. Lançou uma pedra com força (coragem)

O Grande Orixá do orum (terra dos ancestrais) vigia.

O Rei dos trovões, está no pé

de uma grande árvore (pedra de raio)

A oração saúda o Rei dos trovões, como sendo **Aganju**, o **Alafin de Oió**, filho de **Ajaká** e sobrinho de **Xangô**. **Iamassê** considerada sua mãe é quem revela aos mortais, que a pedra de raio, símbolo do seu poder, é encontrada ao pé de uma grande árvore. O brilho dos raios e o barulho dos trovões lembram que **Aganju** vigia do **orum**, terra dos ancestrais, seus súditos fiéis.

O **Adjarim** marca um novo momento, **Obaladô** levanta-se e se dirige a casa de **Xangô** pousando no chão da mesma uma gamela cheia de **Amalá** , a comida predileta deste orixá.

Béè *ni je a! pá bo* Sim, comer(amalá)dentro(de uma gamela) com satisfação, de uma só vez, adorando.

Je bí o o ni a! pá bo Comer, nascer dele, dentro(de uma gamela)com satisfação, de uma só vez, adorando.

E ni pá léèrín àdá bá lài Cortado muitas vezes(o quiabo), sempre com cutelo, dentro da gamela

Ìmó wá mònà mòwéProcurar conhecimento,Kó je nà mímò àsécertamente torna inteligente.Kó je nà mímò àséA comida (amalá) faz adquirirKó je nà mímò àsée aumenta o conhecimento do Axé.

A reza indica que, ao se desfrutar da comida sagrada, descobre-se o axé, isto é, a força, que dá conhecimento e sabedoria aos que delas usufruem.

Nos últimos acordes da reza, os ogans de Xangô pousam os xeres e acendem a fogueira. Varias vozes gritam..

Kawòó Kàbíyèsilè!!! Kawòó Kàbíyèsilè!!! = Meus cumprimentos à sua majestade!!!

A RODA DE XANGÔ.....

Alguns minutos decorrem entre as imagens fortes do fogo e o início do xiré do **Rei de Oió**, no barração. O ritmo da **Hamunha** convida a todos, os da casa e os convidados a iniciarem a roda de **Xangô**.

Começa o xirê, louvando **Ogum**, em seguida, **Oxossi, Obaluaiê, Ossaim**, até que, repentinamente, ouve-se o som do batá, ritmo próprio de **Xangô**.

A roda – de – Xangô ou batá-de-Xangô começa a ser executada:

Àwa dúpé ó oba dodé Nós agradecemos a presença do Rei que chegou. A dúpé ó oba dodé Nós agradecemos a presença do Rei que chegou.

A dupé ni mòn oba e kú alé A dupé ni mòn oba e kú alé

Nós agradecemos por conhecer o Rei, boa noite a vossa

majestade.

Ó wá e

Ó wá, wá nilè Ele veio, está na terra.

A dupé ni mòn oba e kú alé

Os primeiros cânticos dirigem-se ao Rei, a Xangô. Sua presença é louvada e a sua saga mítica será contava através do canto e da dança. Não será somente o seu aspecto guerreiro que será homenageado, outros serão lembrados.... O Xangô justiceiro será um deles.

Fé lè fé lè Yemonja wé okun Yemonja wé okun Àgó firè mòn Àgó firè mòn

Ajaká igba ru , igba ru

Ele quer poder...ele quer poder (vir) lemanjá banha (lava) com água do mar Dê-nos licença para vermos através dos

seus olhos e conhecer-mos...

Dê-nos licenca...

Ajaká traz na cabeça, traz na cabeça (água do mar)

Então estas de volta.

O canto dedicado à Ajaká fala da água do mar, como também de ver através dos olhos. Ajaká é cultuado durante as festas de Xangô junto com sua mãe, lamassê, considerada como uma lemanjá.

Sàngbá sàngbá Didè ó ní Ígbòdo Ode ni mó Syìí ní, òní ó

Ele executou feitos maravilhosos, feitos maravilhosos.

Pairou sobre Igbodo,

os caçadores sabem disto.

O cântico fala de Ajaká, destronado por seu irmão Xangô, refugiando-se em Igbodo. Ficou nesta cidade por sete anos, período em que reinou sobre Oió seu irmão Xangô.

Òní Dàda, àgò lá rí Òní Dàda, àgò lá rí

Senhor Dadá, permita-nos vê-lo!! Senhor Dadá, permita-nos vê-lo!!

Dàda má sokun mò

Dàda má sokun mò Dadá não chore mais. Ò feere ó ní feere É franco tolerante, Ó bgé l'orun ele vive no orun,

Bàbá kíní l'onòn da rí é o pai que olha por nós nos caminhos.

Ajaká além deste nome , também era conhecido como Baaiyani e também como Dadá, em razão de seus cabelos anelados. O Ritmo forte e cadenciado do batá louva Dadá ou Ajaká.

Báyànni qìdiqìdi, Báyànni olà Báyànni gidigidi , Báyànni olà Bajànni adé , Báyànni òwò Baiani (Ajaká) é forte como um animal e muito , muito rico. A coroa de Baiani é honrosa e muito rica. Báyànni adé, Báyànni òwò

A coroa de Baiani, descrita no cântico, da qual é dita ser honrosa e pertencer a um Obá, refere-se a Ajaká, terceiro Rei de Oió. A palavra owó, significa, dinheiro, riqueza, e está relacionada a uma grande quantidade de búzios que ornam esta coroa e que antigamente serviam como moeda. Referente ao termo: gidigidi, que é um superlativo, isto é, muito; e gidigidi, animal grande e forte. Trata-se de um trocadilho comum no iorubá. Os cânticos continuam sucedendo-se. Discutem normas morais, e também falam de particularidades referentes ao culto dedicado ao Deus do fogo.

Fura ti 'ná, Fura ti 'ná e , Fura ti 'ná, Àrá lò si sá jó Fura ti 'ná, Fura ti 'ná e , Fura ti 'ná, Àrá lò si sá jó

Desconfie do fogo, desconfie do fogo. O raio é a certeza de que ele queimará. Desconfie do fogo, desconfie do fogo. O raio é a certeza de que ele queimará.

O cântico chama a atenção para que os descuidados, não tenham a devida cautela e respeito com o fogo. Este elemento, fundamental na vida do homem, pode lhe proporcionar conforto, mas quando sem controle, pode significar a morte. O raio é a certeza de que ele queimará, pois seu direcionamento é incerto.

Ìbà òrìsà Ìbà Onílè Onílè mo júbà o Ìbà òrìsà , Ìbà Onílè Onílè mo júbà o

Abenção dos orixás, Abenção do Senhor da terra, Ao Senhor da terra (Onilê) minhas saudações.

O cântico saúda Onilê o "Senhor da terra", nas cerimônias dedicadas a Xangô, oferendas são destinadas á terra, para que este orixá permita sobre seu templo, "A Terra" ser acesa a fogueira de Xangô.

O canto a seguir fala que o "rei não se enforcou", por tanto não morreu, sumiu chão adentro como convém a um orixá.

Òràn in a lóòde o Bara enì já, ènia rò ko Oba nù Ko'so nù rè lé o Bara enì já, ènia rò ko Ó níìka wòn bò lórun kéréjé Ó níika wòn bò lórun Kéréjé àgùtòn Ìtenú pàdé wá lóna Í níìka si relé lbo si òràn in a lóòde o Bara enì já, ènia rò ko

Oní máa, ni wó èjé Bara enì já, ènia rò ko pendurou.

Sim, a circunstância o colocou de fora. O mausoléu real quebrou (não foi usado)

O homem não se pendurou.

O rei sumiu, não se enforcou, sumiu no chão e reapareceu.

O mausoléu real quebrou (não foi usado)

O homem não se pendurou.

Ele é cruel, olhou, retornou para o rum, deu um grito enganando (seus inimigos).

O carneiro mansamente procura e encontra o caminho

Ele é cruel contra os que humilham. A consulta ao oráculo foi negativa.

O verdadeiro senhor é contra juras (falsas).

Sim, a circunstância o colocou de fora. O homem não se

Oba sérée la fèhinti Oba sérée la fèhinti Oba ni wá ìyé bè l'órun

Oba sérée la fèhinti

Incline-se o rei do xere salvou-se Incline-se o rei do xere salvou-se

Suplique ao rei que existe e vive no orum.

Incline-se o rei do xere salvou-se

Dizem que o rei recebeu um cesto contendo ovos de papagaio. Era o sinal determinado pela tradição de que deveria renunciar á coroa e talvez á vida. Xangô retira-se para o interior seguido de alguns amigos e de sua esposa Oiá, que volta para sua cidade de origem, Irá. O mito diz que entristecido o Rei enforca-se em um pé de **Arabá**. Seus companheiros vão a **Oió** e relatam o fato, quando retornam ao local, encontram um buraco vazio, por onde ele teria entrado, após uma crise de fúria, tornando-se assim um Orixá. Em Oió os que admitiam a sua morte (inimigos) falavam "Obá so" que significa "o rei enforcou-se"

Os seus partidários falam "Obá ko so" o que significa "o rei não se enforcou" afirmando o Rei virou

Xangô não morreu, ele existe e vive no **Orum**, esta é a crença dos seus fiéis súditos.

Um breve cântico, saúda a mãe deste poderoso orixá:

Eye kékéré Adó Òsi arálé ľvá ľodó mase Eye ko kéré lánú Soko ìyágba l'odò mase

O pequeno pássaro na cabeça, é da esquerda, é parente da mãe do rio, mase.

Apanhou com gentileza, o pequeno e sofrido pássaro a grande mãe do rio, mase.

Os pássaros são um dos símbolos mais conhecidos das lagbás, além de serem sua representação, são por elas cultuados e protegidos. São criaturas das grandes mães, consideradas como seus filhos. O orixá do fogo é múltiplo, reconhecem seus fiéis, e nesta acepção seus súditos imploram a Xangô Airá, para que as chuvas não sejam destruidoras, que elas apenas limpem e fecundem a terra.

Aira òjo Mó péré sè A mó péré sè

A chuva de Airá, apenas limpa e faz barulho como um tambor. Ele apenas limpa e faz barulho como um tambor.

A Roda-de-Xangô atinge o seu clímax com este canto, mais rápido e vibrante.

Começam a surgir os primeiros sinais da presença dos Orixás. O primeiro a chegar foi **Ogum**, logo acolhido pelas Ekedis. Em seguida quase que no mesmo momento, apresentou-se Oxum, lemanjá, Oiá e Obá. Finalmente é a vez de Oxaguiã, o deus funfun (do branco) da criação e também guerreiro.

A casa de Xangô, esta em festa, Obaladô está feliz.. os cânticos continuam...

A níwà wúre A wúre níwà A níwà wúre A wúre níwà Oba lùgbé obaladó Obaladó rí sò Obaladó

Nós temos a existência e a boa sorte. Nós temos a boa sorte e a existência Nós temos a existência e a boa sorte. Nós temos a boa sorte e a existência O rei afugentou (os maus feitores) o rei do pilão.

O rei do pilão olha e arremessa (os raios)

O rei do pilão.

O rei sempre protege seus adeptos, dando-lhes boa sorte. O Obá também faz justiça e persegue os ladrões, mentirosos, perjuros e jamais esquece os que contra ele blasfemam.

Olówó Kó mà bò, mà bò Kó mà bò Olówó Kó mà bò, mà bò Aláàafín òrisa

Abastado Senhor, aquele que definitivamente dá proteção, dá proteção. Aquele que definitivamente dá proteção. Abastado Senhor, aquele que definitivamente dá proteção, dá proteção. Senhor do palácio e orixá.

Xangô é considerado muito rico, grande proprietário das riquezas da terra, possuidor de tesouros e cidades , palácios, filhos e mulheres.

Omo àsìkó Bèrè Èkó inón, Èkó inón Omo àsìkó Bèrè Èkó inón, Lóòde roko Omo àsìkó Bèrè Èkó inón, Èkó inón Omo àsìkó Bèrè Ékó inón, Èrù njéjé

Os filhos, com o tempo, iniciaram o (culto do) fogo de Ékó (lagos), o culto do fogo de Ékó. Os filhos, com o tempo, iniciaram o (culto do) fogo de Ékó, ao redor das plantações. Os filhos, com o tempo, iniciaram o (culto do) fogo de Ékó (lagos), o culto do fogo de Ékó. Os filhos, com o tempo, iniciaram o (culto do) fogo de Ékó, com medo extremo.

O canto talvez relembre o início da imigração Yorubá, em direção ao mar, ligados aos mitos de origem da cidade de Lagos e a divisão das terras entre filhos do conquistador, que implantaram na região sua cultura e seus deuses, provavelmente o culto a Xangô ou Jakutá.

....O CANTO E A DANÇA DO REI...

Mal termina o Alujá, um novo surge. Ele pede licença para percorrer os caminhos e determina que os orixás estão chegando. Todos em gala, portando em suas mãos as insígnias que identificam sua procedência.

Àgó l'óna e Dìde máa dáago Àgo àgo l'óna E dìde máa yo Kórò wà nise o

Licença no caminho. Levantem-se, eles estão chegando na hora prevista (de costume) Levantem-se com alegria habitual Que o ritual teve trabalho.

À frente do cortejo estava **Ogum**, a quem cabe a primazia, logo após **Exú**, de ser o primeiro louvado. Logo após. Xangô – Airá, todo de branco, exibia dois oxés prateados e uma coroa também de prata que reluzia. dando majestade ao patrono da casa. Logo a seguir deste mais três Xangôs, todos portando seus oxés porém desta vez de cobre, seguidos de Oyá, Oxum, Obá e fechando o cortejo Oxaguiã.

Começa, então os louvores ao orixá do fogo....ao ouvirem os atabaques, os quatro Xangôs levantam-se precedidos pelo mais velho, ou seja, Xangô Airá.

Oba ní sà rè lóòkè odó Ó bé rí omon Oba ní sà rè lóòkè odó Oba kòso ayò

Ele é o rei que pode despedaçá-lo sobre o pilão; Aquele que cumprimenta como um guerreiro os filhos, Ele é o Rei que pode despedaçá-lo sobre o pilão. O Rei de kosó com alegria.

Neste cântico **Xangô** é chamado de rei de **Kosó**, cidade próxima de **Oyó** e que teria sido sua primeira investida em sua trajetória guerreira e política daqueles tempos. Uma a uma vão sendo "contadas as histórias" de **Xangô**, Elas falam dos lugares sagrados percorridos, de suas esposas, seus filhos, seus feitos e poderes.

Máà inón inón
Máà inón wa inón inón
Oba Kòso
Olóko so aráaye
Máà inón inón
Oba Kòso aráaye
Máà inón inón
Oba Kòso aráaye

Não mande fogo, não mande fogo sobre nós, vos pedimos em vosso templo, não mande fogo; o lavrador pede pela humanidade, não mande fogo, rei de Kosó que governa a humanidade não mande fogo, rei de Kosó que governa a humanidade

A relação de **Xangô** com o fogo, domínio este conseguido através das forças mágicas, é definitivo em termos de conquistas por ele empreendidas.

Aláàkòso e mo júbà Á ló si oba ènyin Oba tan jé ló síbè Ló si oba ènyin

A sìn e doba àra Àra yìí ló síbè ènyin A sìn e doba àra Àra yìí ló síbè ènyin O Senhor de Kosó, a vós meus respeitos, nós iremos a vós, rei a quem iremos contar tudo.

Nós vos cultuamos, rei dos raios, que estes raios vão para (lá)longe de nós. Nós vos cultuamos, rei dos raios, que estes raios vão para (lá)longe de nós.

Neste momento, ao ouvir o cântico, o Xangô de branco, o dono da festa, dirige-se até a frente da orquestra ritual e, curva-se frente aos tambores e seus ogãs e emite seu brado em sinal de aceitação á cantiga em que esta contida a sua louvação.

Aira ó lê lê, a ire ó lê lê A ire ó lê lê, a ire ó lê lê

Aira ó, ore gédé pa, Ore gédé (àwa) Aira ó, ore gédé pa, Ore gédé Aira ó, Adjaosi pa... Adjaosi Aira ó, ebora pa... Ebora Airá está feliz, ele está sobre a casa. Estamos felizes, ele está sobre a casa.

Airá nos presenteie afastando os que podem nos matar nos presenteie afastando os que podem nos matar Airá nos presenteie afastando os que podem nos matar nos presenteie afastando os que podem nos matar Airá Adjaosi (tipo de Airá) pode matar, (nos presenteie) Airá, Ebora pode matar, (nos presenteie)

O primeiro cântico faz referencia a Airá muito velho e seu enredo com Oxalufã, relação esta ligada ao mito e cerimonial denominado "Águas de Oxalá" em que se comemora a criação do mundo e colheita dos inhames. A seguir o cântico fala de Airá Adjaosi como ebora parte integrante dos Doze Xangôs cultuados na Bahia, juntamente com Airá Intile e Airá Igbonan. A partir deste canto, começa a se instaurar o domínio do Alujá. Os orixás dançam com gestos mais largos e vigorosos. O canto enumera as incursões guerreiras dos diferentes Alafins de Oió aumentando seu poder através das guerras. Baiani (Baàyònní) um dos títulos de Ajaká junto com lamassê, são cultuados na festa.

Gbáà yií l'àse onílá lòkè, baàyònnì Gbáà yií l'àse Gbáà yií l'àse onílá lòkè, baàyònnì Gbáà yií l'àse Ele possui um axé enorme senhor da riqueza. Que governa acima das coroas.

Sàngó e pa bi àrá aáyé aáyé Sàngó e pa bi àrá aáyé aáyé Xangô mata com o raio sobre a terra. Xangô mata arremessando raios sobre a terra.

Fírí ínón fírí ínón Fírí ínón bàiyìnjó Máà ínón, máà ínón Fírí ínón bàiyìnjó Ele lança rapidamente o fogo, lança rapidamente o fogo rapidamente o fogo o fogo às vezes fraco(poucas luz) Não nos mande fogo, não nos mande fogo Ele lança o fogo às vezes fraco. Quando um raio atingia alguma casa, podia ser um sinal de que a justiça de Xangô estava sendo aplicada cabia ao dono da casa provar sua inocência. O fogo sempre presente nos mitos adquire significado especial quando relacionado a Xangô, o fogo originado dos fenômenos naturais, como raios, meteoritos e vulcões.

Barú de sobo ada se ké èré, se ké èré de sobo ada Barú faz emboscada em Sobô de facão. Faz gritar e é vitorioso.

Xangô Barú era muito destemido, o cântico alude às guerras empreendidas ás diferentes cidades-estado e esta refere-se a Sobo uma cidade localizada no reino do Benin.

Os mitos apontam **Ajaká** como terceiro rei ou oba da cidade de Oió. Foi destronado por **Xangô**, seu meio irmão, por parte de pai, **Oranian. Ajaká** é também conhecido como **Baayani** ou **Dadá**, segundo **P.Verger.**

Àjàká máa bè ká wòóo Àjàká máa bè ká wòóo A e bàbá àjàká máa bè ká wòóo Àjàká máa bè ká wòóo Àjàká máa bè ká wòóo Ajaká não implora nem mesmo ao poderoso Xangô. Ajaká não implora nem mesmo ao poderoso Xangô. Nosso pai Ajaká

não implora nem mesmo ao poderoso Xangô.

مُنافِرُ مُن معمد من من من من المنافرة

Àjàká òké Òrìsá Àjàká òké Òrìsá O orixá do monte Ájàká. O orixá do monte Ájàká.

Ò be ri ó, ní Dàda sókun, Àwa ri ó ó ní Dada sókun. Ele existe, eu vi, e é Dada quem chora Ele existe, eu vi, e é Dada quem chora

Ajaká mesmo destronado não implora clemência, mas após 7 anos ele retorna a ser o Oba da cidade de Oió em virtude de Xangô ter sido forçado à abdicar. O Canto a seguir faz referencia a fundação da cidade de Oió por **Oranian** no topo de um monte chamado **Àjaká** e assim o meio irmão de Xangô tomou este nome para si. **Àjaká** também conhecido por **Dadá**, durante seu primeiro reinado impunha pesados impostos a seus súditos a fim de financiar as guerras empreendidas, e quando os recursos demoravam a chegar punha-se a chorar, e dançava alegre quando estes chegavam em boa hora.

Aé aé ó gbè lê mònsó ojú omon Aé aé ó gbè lê mònsó ojú omon Oba olórí légé ó ni yé oba olórí Ilú Àfonjá dé ó, aé aé bé, ri ó aé aé bé, ri ó aé aé bé, ri ó Ò bé, ri ó (ikú kójáàdé-ó kótà èrú) medrosos)

Aê aê ele reconhece pelo olhar seus filhos.
Aê aê ele reconhece pelo olhar seus filhos.
Chefe dos Reis, fino e agradável
Chefe da terra, ele é Àfonjá que chega aê aê
Ele existe, eu o vi, aê aê ele existe, eu o vi,
eu o vi, (ele levou a morte para fora - ele vende os

Áfonjá foi um general, isto é, *Kakanfô, do Alafin Aolé.* Empreendeu inúmeras batalhas, sendo considerado um grande comandante militar. O cântico fala do "chefe da terra", comandante que reconhece os seus pelo olhar

Agonjú Órìsá awo Ògbóni Agonjú Órìsá awo Ògbóni Àwúre, Sàngò àwúre Ògbóni, Ògbóni, Ògbóni Àwúre, Sàngò àwúre Aganjú orixá do culto Ògbóni Aganjú orixá do culto Ògbóni Nos dê boa sorte, Xangô, nos dê Boa sorte. Ògbóni, Ògbóni, Ògbóni

Nos dê boa sorte, Xangô, nos dê Boa sorte.

Aganjú um dos Alafin Oió, filho de **Ajaká**, e seu nome consta das genealogias levantadas pelo Instituto Francês da África Negra e por diversos historiadores dedicados à historia Yorubá. **Ògbóni** é um das sociedades secretas extremamente poderosa em território Yorubá, e uma das mais antiga. É uma sociedade que presta homenagens a **"ONILÉ"**, o **"dono da terra"** e zela pela ordem dos velhos costumes.

...E A FESTA CONTINUA NO ILÉ DE OBALADÔ

Káwòóo, Káwòóo Sàngò Dàhòmì Káwòóo Ka biyè si e Sàngò Dàhòmì Vossa Alteza Real, Sua Real Majestade !! Poderoso Xangô! Proteja-nos das guerras do Dàhòmi.

As guerras pontuaram a trajetória de **Xangô** o canto refere-se às disputas travadas entre os de **Oió** e os **Dahomeanos**, na disputa pelo imenso território pertencente ao reino de **Oió**.

Oba sérée òwa fé yìí sìn cultuar

Oba sérée òwa fé yìí sìn cultuar

Oba àwa òjòó oro ní oba Oba sérée oba fé yìí sìn

cultuar

É para o rei que tocamos o xere, e é a este rei que queremos

É para o rei que tocamos o xere, e é a este rei que queremos

Nosso rei da tempestade, ele é o rei

É para o rei que tocamos o xere, e é a este rei que gueremos

Os Xeres, instrumentos musicais que, segundo as comunidades-terreiros e alguns autores reproduzem o barulho das chuvas quando tocados juntos, soariam como o das tempestades. Instrumento sagrado utilizado para invocar Xangô o senhor dos trovões e das tempestades.

Kíní ba, kíní ba, àrá won pè Kíní ba, o sérée alado àwúre. Poderoso Senhor que racha o pilão e oculta-se Que impõe os raios e os chama de volta, abençoe-nos.

Obaladô é um dos títulos de Xangô significando "o rei que racha o pilão"

Àwúre lê, Àwúre lé kólé Àwúre lê, Àwúre lé kólé Àwúre lê. Àwúre lé kólé ladrões.

Abençoe-nos e traga boa sorte à nossa casa, que ela não seja roubada. Abençoe-nos e traga boa sorte à nossa casa, que ela não seja roubada. Àwa bo nyin maá ri àwa jalè Nós que o cultuamos, jamais veremos nossa casa roubada.

Abençoe-nos e traga boa sorte à nossa casa, e que não venham

Trata-se de uma louvação ao orixá justiceiro que protege a comunidade contra os mal feitores. Verger(1999), ao descrever os rituais na África, destaca as bolsas de couro que adornam os eleguns de Xangô. Delas é dito que contêm as edun ara, as pedras de raio, símbolo deste orixá. Verger(1999:307) fala de inúmeros templos dedicados a Xangô distribuídos entre as diversas cidades iorubas edificados em sua homenagem. É disto que fala os próximos dois cânticos.

Ó fì làbà, làbà.... Ò fì làbà Ó fì làbà, làbà.... Ò fì làbà

Ele usa bolsa de couro... Ele usa bolsa de couro.

Ó jìgòn àwa lé npé ó jìgòn nlá Jìgòn àwa lé npé ó jìgòn nlá

Ele é imenso, o maior de nossa casa, ele é gigantesco Em nossa casa o chamamos de o maior entre os gigantes.

O cântico que se segue faz alusão a Tapa, território dos Nupes, situado a noroeste da cidades de Oió.

E kí Yemonjá ago, Tapa Tapa E kí Yemonjá ago, Tapa Tapa

Cumprimentemos lemanjá pedindo licença a nação Tapa. Cumprimentemos lemanjá pedindo licença a nação Tapa.

Xangô é considerado sempre como muito rico e poderoso, sendo destacado em seus mitos a vaidade como um dos elementos que compõe a sua principal característica. A tradição oral dos terreiros sempre destaca a riqueza do Obá e os tesouros por ele acumulados.

E assim falam as próximas cantigas.

Oba sà rewà ele mi jéé jéé Kù tù kù tù awo dé rè sé Oba sà rewà

Rei que ama o belo, senhor que me conduz serenamente antes do culto chega com o seu oxê O rei que ama o belo

Sòngó tó rí olá Tó e tó rí olá tó Sòngó tó rí olá Tó e tó rí olá to

È imensa, é imensa a riqueza que eu vi Xangô, é imensa a riqueza que eu vi

....A CORTE REAL CELEBRA

Os comentários sobre Xangô, suas roupas e danças cessam quando se ouvem os sons dos atabaques. O canto saúda Ogun, também ligado ao fogo. Da assistência eclodem saudações ao "Senhor dos caminhos" Ogun lê, é o momentos de louvar o grande ferreiro, aquele que produz as ferramentas dos orixás. Ogum de mãos ás costas, caminha para iniciar seu bailado rápido e guerreiro, exibindo sua espada, e vês por outra empreendendo uma luta contra inimigos invisíveis, porém conhecidos de todos.

Ké kìkì alákòró Ké kìkì alákòró Grite somente alakorô O chefe dos mundo gosta de cumprimentar, Olùàiyé ki fé Ògún Àkòró Oniré Olùàiyé ìtònnón senhor de Irê e do Akorô, chefe do mundo que acendeu a fogueira, chefe do mundo que acendeu a fogueira.

Ogum, senhor de Irê, cidade Nigeriana onde ele é cultuado, com o título de Onirê, o grande ferreiro.

Kàtà-Kàtà ó gbín méje Ó gbín méjé ònòn gbogbo Em distâncias iguais ele plantou 7 sementes. Ele plantou 7 sementes em todos os caminhos.

A luta, as guerras são aspectos associados a Ogum, na África porém, além de guerreiro, ele é o grande protetor de todos aqueles que vivem da agricultura. No Brasil como no continente Africano ele é patrono de todos aqueles que trabalham com o ferro assim como na proteção dos Ilês é colocado nos portais o Mariô, folhas novas de palmeiras que são desfiadas para poder afastar os espíritos dos mortos e das influências negativas do mundo profano, e é disto que fala o cântico .

Ògún ni aláàgbède Mòrìwò ode Ode mòrìwò Ogum é o senhor da forja(ferreiro) e caçador que se veste de folhas novas de palmeiras.

Um novo canto saúda agora lemanjá, e é Ogum, seu filho mítico que, dirigindo-se até o local onde sua mãe estava placidamente sentada, a saúda. Ele levanta-a com carinho e se despede de todos, retirando-se.

E kà máà ro ni ngbà ÒRÌSÁ rè Lodò e E kà máà ro ni ru ngbà òrìsá rè Lodò e

Que nos jamais sejamos magoados por você Orixá do rio

que você carregue(a magoa) em seu rio Orixá.

Na qualidade de progenitora dos seres humanos, possui o título de *lá Orí, isto é,* " mãe de todas as cabeças" e é, com este título, que é saudada nas principais cerimônias do Candomblé.

E ìyá kékeré a kí ri dò ó kí Olùwa odò , e ìyá kékeré Àwa je omon àwa je omon Mãezinha Senhora do rio (da existência) é a mãezinha aquela que é a senhora do rio. Nós somos seus filhos, ela é a mãezinha.

Yemonjá sàgbàwí, sàgbàwí rere Yemonjá sàgbàwí, sàgbàwí rere Ò <u>S</u>àgbàwí rere Yemonjá sàgbàwí rere

Iemanjá intercedeu a nosso favor intercedeu para nosso bem Iemanjá intercedeu para nosso bem.

Os cânticos a lemanjá ressaltam sempre a sua relação maternal, a imagem da grande mãe protetora é o que se no seu culto. Na África o local preferido para colocar suas oferendas é no rio lemanjá. Sua louvação é sempre entoada com entusiasmo, *Odô ia*, além do seu lado maternal, também tem seu lado guerreiro, portando por vezes uma espada, para defender aqueles que necessitam de sua proteção. Terminado o bailado de lemanjá, começa o ritmo forte, rápido e vibrante de *Oiá/lansã*, a esposa guerreira de Xangô. Oyá a senhora dos raios, das tempestades, mãe de todos os ancestrais-egunguns. O frenesi toma conta do barracão ao ritmo rápido e alucinante dos atabaques. Deslumbrante ela chega, belamente vestida, na sua mão esquerda traz o *erú-kerê* ou *eruexím* feito de crina de cavalo, na mão direita uma pequena espada lembrando uma cimitarra.

Oyá kooro nilé ó geere-geere Oyá kooro nlá ó gè àrá gè àrá Obìrim sapa kooro nílé geere-geere

Oiá ressoou na casa incandescente e brilhante. Oiá ressoou com grande barulho, ela corta com o raio. Ela corta com o raio, é divindade arrasadora que ressoou na

Oyá Kíi mò rè ló

Saudamos a Oiá para conhece-la melhor.

Odò hò yà-yà-yà

Redemoinho dos rios.

Dá ni a padá lóodò Oyá ó odò hò yà-yà-yà Quem pode cessa-lo para podermos voltar pelo rio Oyá O redemoinho do rio, quem pode cessar é Oiá.

No primeiro cântico nos mitos relativos ao fogo ela sempre está presente, ora como emissária e portadora deste poder, dividindo com seu real esposo Xangô, o medo e a admiração por ele infundido.

No próximo, Oiá está relacionada como as outras labás às águas. O rio Oiá, na Nigéria é a ela dedicado, suas águas turbulentas forma em alguns trechos redemoinhos. Aplacar a ira de Oiá é garantir uma boa travessia.

Após vários cânticos e danças cessam os atabaques, Oiá está dirigindo-se à orquestra ritual, abraça todos os músicos e se despede dos presentes.

Ecoa no barração o ritmo forte e cadenciado do *ijexa*, se faz presente agora a, "senhora da beleza e das riquezas" Oxum. Todos se levantam para admirá-la, e, em passos miúdos e graciosos, começa a evoluir em uma dança que empolga a todos os presentes. Começa assim a evoluir uma dança graciosa ao som dos Ilús......

A ri ide gbé o !!!
Omi ro a!! wàrá-wàrá omi ro
O fi'de se'mo l'Òyó
Omi ro a!! wàrá-wàrá omi ro
O fi'de se'mo l'owo
Omi ro a!! wàrá-wàrá omi ro
O fi'de se'mo l'òrun

Aquela que consegue fazer soar as pulseiras como uma canção.

Soam como o barulho das águas rápidas.

Ela balança as pulseiras em Oyó.

Soam como o barulho das águas rápidas. Ela balança as pulseiras com respeito. Soam como o barulho das águas rápidas.

Ela balança as pulseiras no Orun.

Oxum, orixá vaidosa e feminina, suas pulseiras lembram o murmúrio das águas dos rios, quando ela vai banhar-se faceira, exibindo sua riqueza e encanto. A palavra *Wàrá-wàrá*, além de significar rapidamente, tem o sentido de uma onomatopéia, que lembra o ruído das águas, como das pulseiras de Oxum no cântico.

Òsun e lóolá imolè lóomi Òsun e lòolá Ayaba imolè lòomi Oxum, senhora que é tratada com todas as honras. Senhora dos espíritos das águas Oxum, senhora que é tratada com todas as honras.

Yèyé yé olóomi ó, yèyé yé, Olóomi ó...

Mãe compreensiva, dona das águas

Ayaba balè Òsun Ayaba balè Òsun

A grande mãe Oxum toca (reverencia) o chão (a terra).

Ìyá dò sìn máa gbè ìyá wa oro Ìyá dò sìn máa gbè ìyá wa oro

A mãe do rio a quem cultuamos nos protegerá. Mãe que nos guiará nas tradições e costumes.

Os cânticos reverenciam a Senhora dos espíritos das águas e dos rios. Foi na beira de um riacho que o *Rei Larô*, o primeiro *Ataojá*, título dos Obás da região de Ijexá, na Nigéria, fez um pacto com este Orixá. Sob a forma de peixe, ela dirige-se ao rei, que faz construir, neste local mítico, o templo de Oxum, em Osogbo, onde ainda se cultua o orixá Oxum. Os iyêiyê, aves míticas ligadas aos ancestrais femininos, são lembrados também nos cânticos e de forma especial nas louvações dedicadas a Oxum – ora Iyêiyê ô – saudando uma das mais prestigiosas e muitas vezes temida, mãe ancestral. Dela também se diz ser a grande feiticeira.

E MAIS UM CÂNTICO ECOA.....

Igbá ìyawó igbá si Òsun ó réwà Igbá ìyawó igbá si Òsun ó réwà Àwá sin e ki igbá réwà réwà Igbá ìyawó igbá si Òsun ó réwà Ibá iawó(cabaça contendo tecidos, roupas. alimentos e pertences da noiva)é para Oxum no dia do seu casamento.

Nós cultuamos a formosa noiva que recebeu linda cabaça de presente de casamento. Oxum estava linda no dia do seu casamento.

O Ibá laô, a cabaça da noiva, pode também aludir a um outro tipo de aliança ou de compromisso. Como as noivas de hoje e de antigamente, os laôs, quando de sua iniciação preparam seu enxoval , recebendo também presentes dos mais próximos de sua futura família mítica, para que este possa brilhar no dia da cerimônia do enlace ou da sua iniciação. Lentamente a senhora dos rios, despede-se dos convidados, e outros acordes são executados para saudar Obá, As Ekejis certificam-se de que Oxum não esteja mais presente na sala. Os convivas de *Obaladô* estão radiantes, seguindo a cadencia dos ilús, uma batida mais forte do run, vem ela Oba a Yabá guerreira, a grande caçadora das florestas. Ao compasso do som suavemente retira a adaga presa o ao busto, colocando em seu lugar o ofá. Elegantemente com a adaga em punho avança graciosamente e começa seu bailado cadenciado ao cântico de.....

Obá e'léékò àjà òsì Àjàgbà e'léékó àjà òsì Orò awo mò gbo Oba Àjàgbà e'lééko àjà òsì

Obá da sociedade Elekó, guardiã da esquerda. Anciã, guardiã da esquerda na sociedade Elekó. O ritual do mistério é entendido e ouvido por Obá. Anciã, guardiã da esquerda na sociedade Elekó. O Cântico fala da sociedade Elekó, informando que Obá é sua suprema guardiã. Pouco se sabe desta sociedade secreta de mulheres no Brasil, "se bem que seu título principal de Ìyà-Egbé é o que ostenta a chefe da comunidade nos 'terreiros' **Lésé Egún**. Por outro lado, Oba representação coletivas dos ancestres femininos, venerados nesta sociedade, é cultuada nos 'terreiros' **Lese Òrisà**. Terminado este primeiro cântico, relembrando o papel de guardiã dos segredos da sociedade Elekó, Obá retoma o seu Ofá guardado no atacã e, com um gesto incisivo, solicita o escudo, que ela confiara a um dos presentes. Um novo ritmo laudatório se aproxima saudando a guerreira das florestas, através de passos rápidos, numa caçada, onde numa das mãos, exibe o arco e flecha, mostrando destreza daquela que se rivaliza, no ofício, com o maior dos caçadores, Oxossi.

Ìtí wéré Ofà e rè wé Do trono de madeira rapidamente ela constrói seu arco e flechas que saem serpenteando.

Pó` pò pò Fà de wá, ni Pò pò pò Ele nú o!! Soando como um tambor abafado, o Ofá chegou até nós. Soando como um tambor abafado, A proprietária o perdeu.

Ìya ele nú o Obà e'léékò délé Obà Sábà o Obà ó dìbò ké ré (Quando) A mãe está enfraquecida. Obá da sociedade Elekô, volta para casa, faz adivinhação, prepara uma armadilha e volta a sair.

E bárin è pò Ó dìbò ké ré E vai em direção (à casa)
Faz adivinhação, prepara armadilha e volta a sair.

Obá é rápida como a sua flecha. Dela é dito ser uma caçadora ta eficiente, e talvez melhor, que a maioria dos caçadores. Foi por isso que teve o respeito de **Oxoss**i, o grande caçador. Dizem que foi ele quem ensinou a ela esta arte, e ela aprendeu com maestria. Oba é obsessiva, e seu instinto guerreiro sempre a faz pelejar. Porém, quando sente que as forças acabam, volta para casa (floresta), recupera-se e retorna rapidamente. A casa é o lugar da magia, da consulta a **Ifá**, deus da adivinhação. E é disto que falam os cânticos acima. Terminada a homenagem a grande guerreira, a mesma despede-se de todos com ar imponente. Uma pausa se faz no **Ilê de Obaladô**......

O toque dos atabaques anuncia que todos devem retornar ao barração. O ritmo do *Igbin* anuncia aos presentes que *Oxalá* se faz presente nas celebrações de *Xangô*, e que o final da festa está para chegar. O canto explode com um entusiasmo muito especial. A melodia de rara beleza ecoa por todo o terreiro e é cantada com muita emoção por todos. Os versos dirigidos ao Pai-da-criação chega a ser quase uma súplica.

Oní sé a àwúre a nlá jé Oní sé a àwúre ó bèrì omon Oní sé a àwúre A nlá jé Bàbá Oní sé a àwúre ó bèrì omon Senhor que faz com que tenhamos boa sorte e com que sejamos grandes. Senhor que nos dá o encantamento da boa sorte cumprimenta os filhos. Pai, Senhor que nos dá boa sorte e nos torna grande.

O Orixá do branco e da calma está presente, lembrando a todos a importância de serem tão grandes quanto ele nos atos, tão calmos, porém dignos e conscientes de seus direitos e obrigações. Agora quem dança majestoso, tranqüilo e de porte altivo é *Oxaguiã*, o mais novo e guerreiro dos Orixás Funfun, empunhando uma espada evolui em passos firmes e cadenciados. Segundo antigas lendas, ele faz parte da trilogia dos Orixás guerreiros juntamente com *Ogunjá* e *lemanjá-Ogunté*.

Ajagùnnòn (n)gbá wa o !!! Ajagùnnòn Elémòsó, Bàbá Òssóòginyón Ajagùnnòn (n)gbá wa o !!! Elémòsó ,Bàbá olóroògùn Ajagùnnòn (n)gbá wa o !!! Ajagunan (guerreiro) nos acuda nos socorra, Ajagunan Senhor dos lindos ornamentos, Pai Oxaguiã Ajagunan (guerreiro) nos acuda nos socorra. Pai das guerras (guerreiro), Senhor de Elemesó, nos acuda nos socorra.

O povo ioruba o relaciona como um dos filhos de *Odudua* que, a partir de *Ifé*, povoam o mundo, e assim funda a cidade de *Elejigbo*, sendo este considerado seu primeiro *Obá* ou *Rei.*

É hora da partida, as exclamações de **Exeuê babá** são pronunciadas com entusiasmo ao rei da benevolência. Todos solicitam a sua boa vontade. Seu afeto e imprescindível, e mais do que isso, sua

estima, para que possa nos envolver com a ternura do seu abraço e a proteção de sua espada que ampara e luta ao nosso lado.

O dia amanhece, os primeiros raios de sol acordam a natureza. Ouvem-se os primeiros cantos dos pássaros que também anunciam a presença de um novo dia.

À calma e tranquilidade no *Ilê de Obaladô.....*

..... o fogo lentamente se extingue na fogueira de Xangô.....